

IDEAIS DE NEHRU

HUGH WOODING, MEMBRO DA CÔRTE SUPREMA DE TRINDAD E TOBAGO

A maior parte das pessoas familiarizou-se com os lugares-comuns sôbre a história da vida de Nehru. Nascido em Allahabad, originário da Caximira, educado em Harrow — afamadíssima entre as escolas públicas inglêsas — e na Universidade de Cambrigde, na Inglaterra, diplomado em Ciências e versado em Leis, julgava êle, contudo, a vida totalmente fútil e nada recompensadora. Em 1912, porém, ao chegar aos vinte e três anos de idade, participou de uma sessão do Congresso Nacional Indiano; e quatro anos mais tarde encontrou-se, pela primeira vez, com o Mahatma Gandhi, que recentemente, havia voltado da África do Sul para a Índia. Naquele mesmo ano, 1916, casou-se com Kamala Kaul, mulher que, de pleno direito, alcançou notoriedade no movimento nacionalista a que ambos dedicaram suas vidas. Feito prisioneiro nove vêzes, durante um período que totalizou nove anos — tendo em certa ocasião tido a sentença suspensa para se encontrar junto do leito da espôsa quando esta se achava moribunda, em 1936 — a prisão não conseguiu diminuir sua incansável energia, tanto que foi aí que êle escreveu seus quatro grandes livros, todos êles notáveis por sua visão clara, fôrça intelectual e graça literária.

Êsse resumo revela-nos aquilo que entrou em sua composição. Possuía riqueza e conhecimentos tais que poderiam tê-lo feito um produto de sua época, um *snob* de casta. Teve educação e instrução capazes de torná-lo uma figura por demais conhecida, um requintado intelectual. E tudo suportou nas mãos do poder imperial, sofrendo bastante para torná-lo um *snob* anticolonial. No entanto, em nada disso se transformou. Seus primeiros privilégios ensinaram-lhe humanidade. O desenvolvimento mental deu-lhe perceptibilidade. Os anos de prisão trouxeram-lhe objetividade. Foi por causa dêstes atributos de coração e inteligência que, enquanto se achava prisioneiro, em 1944, pôde escrever, em sua *Descoberta da Índia*: “Assim vi o drama comovente do povo indiano no presente, e pude muitas vêzes traçar as linhas que ligaram sua vida ao passado, mesmo quando tinha os olhos voltados para o futuro. Em tôda parte, encontrei um substrato cultural tal que exercia influência marcan-

N. R. “Ideais de Nehru” foi publicado por *Indian and Foreign Review*, Vol. 2, N.º 21, Nova Déli.

te sôbre a vida. Este substrato era uma mistura de filosofia popular, tradição, história, mito e lenda, e não foi possível traçar uma fronteira entre nenhuma delas. Até mesmo os que não possuíam nenhuma educação e eram analfabetos compartilhavam dêsse substrato. As antigas epopéias da Índia . . . eram bastante conhecidas entre as massas, e cada circunstância, histórica e moral achava-se gravada na mente popular, dando-lhe riqueza e conteúdo". Foi, novamente, por causa daqueles atributos de inteligência e coração que à véspera da Independência da Índia, Nehru pôde declarar na Assembléia Constituinte: "Há muitos anos marcamos um encontro com o destino, e agora chegou a hora de resgatar nossa dívida, não inteiramente ou em tôda capacidade, mas substancialmente. Ao badalar da meia-noite, quando o mundo dorme, a Índia despertará para a vida e a liberdade. Chega um momento que raramente ocorre na história, quando saltamos do velho para o novo, quando termina uma época e a alma de uma nação, há muito oprimida, faz-se sentir. É bom que, nesse momento solene, empenhem-nos na dedicação ao serviço da Índia e seu povo e à causa, ainda maior, da humanidade".

Notar-se-á que o compromisso que Nehru exigiu do povo da Índia foi um compromisso de dedicação, não limitado ao serviço da Índia e de seu povo, mas estendendo-se, também, à causa, ainda maior, da humanidade. Foi isto que o distinguiu e lhe inspirou objetividade de tratamento. E essa qualidade nêle era "transparente como o cristal", tanto que, dois meses antes da Independência, a 8 de junho de 1947, ao apresentá-lo ao povo da Índia como "rei sem coroa", Gandhi proclamava que era "seu desejo, por meio do serviço da Índia, servir ao mundo".

Como procurou êle servir à Índia e ao mundo? Por que princípios determinou qual o curso de ação que deveria seguir? Que se prontificou, resolutamente, a alcançar? Penso que a resposta poderá ser formulada em três tópicos: Democracia interna, Paz em todo o mundo, Justiça para tôda a humanidade. Em busca dêsses objetivos êle assumiu como guia certos ideais que estimava e dos quais nunca se desviou. E êle cuidou, por meio de uma série de pronunciamentos públicos, de educar o seu povo, e também o mundo, tendo em vista bem apreciar os valores que êle estimava. Ouçamo-lo, então, ao se referir à Democracia: "A Democracia, como eu a entendo, significa algo mais do que uma determinada forma de govêrno e um conjunto de leis igualitárias. É, essencialmente, um esquema de valores e padrões morais de vida. Se se é ou não democrata, depende de como se age e pensa como indivíduo ou grupo. A Democracia exige disciplina, tolerância e respeito mútuo. A liberdade exige respeito à liberdade de outrem. Numa democracia, processam-se mudanças por meio de discussões e persuasão mútuas e não por meios violentos. A Democracia, se algum sentido tem, é o de igualdade; não apenas a igualdade de possuir um voto, mas igualdade econômica e social". A Índia em que Nehru nasceu e onde se criou era uma sociedade oprimida pelas castas. A vida fôra realmente esmagada e corrompida; a pobreza e a moléstia, miséria

e degradação eram lugares-comuns. Nenhum líder esclarecido e humanitário poderia aceitar tal sociedade. Nenhum discípulo de Gandhi gastaria suas energias em transformá-la totalmente. Deveria haver muitos aos quais o engodo dos métodos revolucionários teria atraído — mas não Nehru. E ele recusou-se a aceitar que o progresso rápido não fôsse atingido por métodos pacíficos e democráticos. Ao contrário, sustentou o ponto-de-vista de que suprimir os métodos democráticos seria provocar o rompimento e retardar o progresso. E assim voltou-se para o socialismo como meio de atingir a boa sociedade. Assim é que ele a exprimiu e educou seu povo para considerá-la: “Nosso ideal é um padrão de sociedade socialista na Índia. Nosso ideal é que todos os homens, mulheres e crianças da Índia tenham oportunidades iguais e que cessem as grandes disparidades. Não é um objetivo fácil, porque significa o melhoramento do ser humano por meio do preparo, educação e de centenas de outras maneiras. O socialismo depende de como organizamos nosso próprio sistema de sentimentos e pensamento, de como agimos em relação ao próximo e desenvolvemos nossa capacidade de trabalhar juntos. O socialismo pressupõe cooperação e remoção de barreiras. O principal a ser lembrado é que temos de efetuar as mudanças por métodos pacíficos e de cooperação”.

Referi-me à objetividade de Nehru. Um exemplo frisante disto é visto em sua atitude para com a Inglaterra e a Comunidade Britânica após a Independência. Ele sofrera nas mãos da Grã-Bretanha. Porém entendera a mão da amizade. Foi mais fácil assim fazer porque os britânicos também se portaram magnânimamente. Quando visitei a Índia pela vez primeira, em março de 1954, bem me recordo de ter-me impressionado com a extrema cordialidade existente entre os indianos e os ingleses. Pareceu-me tão extraordinário que não pude deixar de perguntar como tal acontecera. As respostas que obtive foram de que o passado é o passado, a meta havia sido atingida, havia muito trabalho a ser feito, a Grã-Bretanha cumprira a palavra uma vez dada, o machado poderia ser enterrado, marchar avante! Achei também que nenhum deles sentira que sua independência se achava de qualquer modo comprometida com o novo respeito com que se tratavam entre si. Cada qual sabia que, como sócios, poderiam prosseguir fortes, com confiança mútua e honesta interdependência. Cada qual, porém, também sabia que estaria uma vez mais atrás das barricadas se houvesse qualquer tentativa de prepotência.

Não fui o único a descobrir tal coisa — tampouco o primeiro. Em seu livro *India and the Awakening Asia*, publicado em 1953, Eleonor Roosevelt alertou o povo americano para o fato de que o “imperialismo americano e o Dólar Todo-Poderoso” eram “uma pedra de toque alarmante em muitas partes do mundo, particularmente nos países que se tornaram livres tão recentemente”. Ressaltou o modo pelo qual muita gente encarava os americanos, ou seja, no papel de tio rico, ostentando sua riqueza em meio à pobreza geral, oferecendo-se para auxiliar, mas estritamente à

maneira própria, e exigindo (ou no mínimo, esperando) deferência, senão vassalagem, em troca. E assim continuou ela: “Na Índia, após a retirada dos britânicos, o ressentimento previamente experimentado contra eles foi em larga medida transferido para nós. Jamais convencidos de que os britânicos tencionavam, realmente, cumprir a promessa de partir, os indianos ficaram profundamente impressionados quando de fato partiram e a cessação da hostilidade foi quase fenômeno de uma noite. Não creio que eles tenham esquecido os longos anos de *status* inferior, ou os prejuízos econômicos que os ingleses infligiram à Índia, mas mesmo reconhecendo que alguns de seus males atuais têm raiz no sistema inglês, suas mágoas foram tragadas numa onda de amizade e boa-vontade genuínas. Tendem a relembrar as boas coisas que os britânicos fizeram e a ignorar as más; e “é um fato serem os ingleses notavelmente populares ali. Contudo, tendo sacudido o jugo de uma potência estrangeira, estão compreensivelmente determinados a não cair sob a influência de nenhum outro, seja tal influência política, econômica ou militar”.

É precisamente porque Nehru soube esquecer as amarguras e ressentimentos do passado que encontrou meios e modos de permanecer como membro da Comunidade em igualdade de condições, até mesmo quando a Índia se tornou república, em janeiro de 1950. Assim, Nehru preservou e transformou a Comunidade — preservou-a, totalmente, com todos os membros constituintes, transformou-a, não apenas salientando a igualdade de doutrina, como a independência fundamental dos Estados associados, de forma que, daí por diante, alguns pudessem tornar-se repúblicas, enquanto outros permaneceriam monarquias. A êle importava o espírito de confiança mútua e amizade e de modo algum a forma externa. Sua democracia pôs-se mais uma vez em ação, a democracia que era essencialmente “um esquema de valores” e que exigia de seus adeptos a prática da “tolerância e respeito mútuo”.

Passo adiante, para o seu grande trabalho em favor da paz. Assim como muitos dentre nós que ainda vivem, Nehru atravessara a I Guerra Mundial, com sua carnificina e devastação, e ouvira, esperançoso, o sentimento confiantemente expresso de que aquela era a guerra que libertaria o mundo para a democracia, e a guerra que poria fim a tôdas as guerras. As baionetas seriam transformadas em relhas de arado e as lanças em podadeiras. E não conferiu o Presidente Wilson a um mundo corajoso e novo seus Quatorze Pontos e a Liga das Nações? Contudo, a flor da esperança não tardou a murchar. Parece, como disse Malcolm Muggeridge em *The Thirties in Great Britain*, que “uma das poucas constantes da vida é um sentido de crise”. A explicação parece ser a de que embora haja mudança de situações, o espírito do homem não muda. As mesmas atitudes, as mesmas ambições, as mesmas rivalidades ainda persistem. Essa verdade, em tôda a sua crua realidade, fixou-se e confirmou-se no espírito de Nehru, durante os anos em que, confinado numa prisão, se libertou para a viagem de descoberta — descoberta das forças geradoras do pensamento do homem. Que descobriu êle?

Primeiramente, as nações vêm perpetuando o sofisma segundo o qual, se desejam a paz, dever-se-ão preparar para a guerra. A conseqüência, inevitavelmente, é a crise e a destruição. Procuram justificar tal atitude de espírito argumentando que devem negociar através da força. Mas, aos olhos de Nehru, a “guerra fria” significa pensar-se todo o tempo em termos de guerra... e o risco de ter-se a “guerra quente”. Sua ênfase, observe-se, recaía nos processos de pensamento que, em última análise, determinam a ação. Além disso, argumentou, “a condição de estadista está ocupando lugar secundário e é informada mais pelos fatores militares do que pelos fatores normais que os estadistas consideram”. Como Nehru o viu, preparar-se para a guerra é apenas preparar-se para a guerra, de modo que se torna simplesmente uma questão de tempo começar o holocausto.

Em segundo lugar, Nehru percebeu, claramente, que a urgência em preparar-se não vinha diretamente do vácuo. Com isso quero dizer que as nações não fundamentaram seu pensamento simplesmente sobre um conceito antigo que se demonstrou ser ilusório pelos recursos da guerra e pela falta de concretização da paz. Seus preparativos de guerra têm origem na cobiça do poder, na avidez de posse e nas rivalidades que estas engendram. Nehru nunca duvidara disso. Quando, em 1929, ao proferir sua alocação presidencial perante o Congresso Nacional, em Lahore, declarou êle: “A paz só pode chegar quando as causas da guerra são removidas. Enquanto houver domínio de um país sobre outro, ou a exploração de uma classe por outra, haverá sempre tentativas de subversão da ordem existente e nenhum equilíbrio firme poderá durar. A paz nunca poderá advir do imperialismo e do capitalismo”. Considerem-se as causas da guerra em qualquer parte e descobrir-se-á que, tôda a verbosidade à parte, alguém quis algo que outrem negou ou julgou dever negar. Em nossos dias, a divisão da África, os depósitos de óleo do Oriente Médio, os portos comerciais do Extremo Oriente, a aquisição e manutenção da estratégia militar e bases navais — todos foram origem ou causas potenciais de guerra.

A existência do *lebensraum* cedeu lugar, após a I Guerra Mundial, ao apoio à autodeterminação, mas fundamentalmente a motivação permaneceu a mesma. A manutenção de um equilíbrio de forças do qual dependia o avanço da revolução industrial é, basicamente, a mesma coisa que a igualdade do poder, da qual depende a propagação das ideologias. Nehru interpretou todos os “ismos” familiares como produto natural do passado, de ambições imperialistas, discriminações raciais, concentrações de poder e do conflito inerente entre o ideal democrático e uma estrutura social oposta ao mesmo. Enquanto a doutrina da desigualdade de homens e raças fôr pregada e praticada, de modo que alguns possam desenvolver-se e expandir-se enquanto outros são oprimidos; enquanto os princípios democráticos de dignidade, igualdade e respeito mútuo forem ignorados ou negados ou não forem totalmente e sinceramente postos em prática, continuarão as guerras e ameaças de guerras.

A Nehru, portanto, era bastante claro que a Paz dependia, para ser preservada, de uma mudança no coração dos homens. Uma vez mais seu conceito de democracia ganhou relevância. Se a paz deve ser preservada, é essencial reconhecerem, aceitarem e agirem os homens e as nações de acôrdo com “um esquema de valores” e que sigam e pratiquem, diligentemente, uma política de “tolerância e respeito mútuo”. A discriminação deveria ser eliminada, erradicados a pobreza e os males concomitantes, e os povos do mundo postos em liberdade. Mas que fale Nehru por si mesmo sôbre a matéria: “Os objetivos principais da política externa da Índia são: a procura da paz, não por meio de alinhamento com nenhuma fôrça maior ou grupo de fôrças, mas por meio de uma abordagem independente de cada questão controversa ou polêmica, a libertação dos povos oprimidos, a manutenção da liberdade tanto nacional como individual, a eliminação da discriminação racial e da necessidade, moléstia e ignorância que afligem a maior parte da população mundial. A política que a Índia tem procurado seguir não é uma política negativa e neutra. É uma política positiva e vital que emana de nossa luta pela liberdade e dos ensinamentos do Mahatma Gandhi... Onde a liberdade é ameaçada ou a justiça posta em perigo, ou onde campeia a agressão, não podemos e não seremos neutros... Acreditamos que a paz e a liberdade sejam indivisíveis e a negação da liberdade, seja onde fôr, deve pôr em perigo a liberdade em outras partes, e leva ao conflito e à guerra. Estamos particularmente interessados na emancipação dos países e povos coloniais e dependentes, e no reconhecimento, teórico e prático, das oportunidades iguais para tôdas as raças. Não procuramos dominar sôbre outros nem exigimos posição privilegiada sôbre outros povos... O mundo, apesar das suas rivalidades, dos ódios e conflitos internos, dirige-se, inevitavelmente, para uma cooperação mais íntima e para a construção de uma comunidade universal. É por êste mundo que a Índia livre quer trabalhar, um mundo onde haja a livre cooperação dos povos livres”.

Trabalhando pela realização de uma comunidade universal, iniciou Nehru — e seguiu — uma política de não-alinhamento. Não havia, porém, nada negativo ou passivo em tal política. Ao contrário, foi positiva e agressiva, tanto na feição quanto na finalidade. Foi, simplesmente, um assalto completo sôbre idéias, sôbre o modo de pensar, sôbre a causa máxima dos conflitos, sôbre (por exemplo) a doutrina obsoleta e trivial de que preparar-se para a guerra é um meio de realizar e manter a paz, sôbre as noções arrogantes e egocêntricas que levaram à sujeição de países e povos, sôbre as pretensões falsas e egoísticas em que se sustentam os pilares gêmeos da discriminação e do privilégio. Recíproca e construtivamente, também significava a formação de uma terceira fôrça, não se aliando a nenhuma das duas ideologias, desapaixonadamente devotando suas energias à resolução de quaisquer divergências ou problemas que pudessem surgir no cenário internacional, dedicada à obra da cooperação livre de povos livres, não procurando predominar sôbre ou-

tros, mas exigindo e estendendo tratamento igual e honrado a tôda a humanidade.

Na busca desta política concebida pela promoo da paz no mundo inteiro, Nehru tornou-se e manteve-se campeão forte e resoluto da liberdade e independência da Indonésia e de outras nações asiáticas e africanas, foi um espírito-guia na Conferência de Bandung, em 1955, e na reunião, em Belgrado, das nações não-comprometidas, em 1961. Sempre se encontrou na vanguarda para estudar e propor soluções pacíficas para as diversncias que, não sendo resolvidas, poderiam terminar em conflito. Constantemente advogou o desarmamento total. Foi o primeiro Chefe de Govêrno a apoiar o pacto nuclear assinado pelas três grandes potências em 1963. Repetidamente levantou a questão da admissão da China nas Nações Unidas, confirmando não apenas ser "impróprio aquêle grande e poderoso país permanecer sem ser representado, mas que isto tem uma relação ótima com todos os problemas universais e especialmente com os do desarmamento". Também insistiu na aceitação da Mongólia como membro da Assembléia Mundial. E, sempre e em tôda parte, salientou a importância para a paz de uma mudança fundamental no pensamento e prática, mudança, creio, em relação àquilo que costumava ser denominado *realpolitik*, rumo  cooperação livre entre os povos livres de tôda a parte.

Durante um discurso, pronunciado na Assembléia Geral das Nações Unidas, em outubro de 1960, Nehru começou dizendo que tinha ouvido, atenta e respeitosamente, muitos discursos que haviam precedido o seu e que, algumas vêzes, se tinha sentido como golpeado pelos glidos ventos da "guerra fria". Relembrou a história de acontecimentos, inclusive o surgimento das nações independentes da Ásia e da África, desde que a era atmica fra "introduzida pela terrível experiência de Hiroxima e Nagasaki", e rendeu tributo ao grande papel que fra representado pelas Nações Unidas, embora muitas vêzes criticado — e às vêzes com justiça — tanto por sua estrutura como por suas atividades. Depois, voltou-se para o que afirmou ser, a seu ver, o problema básico entre todos — o problema da paz. "Sem paz, todos nossos sonhos se esvaecem e reduzem a cinzas. A Carta das Nações Unidas declara nossa determinação de salvar as gerações vindouras do flagelo da guerra e de reafirmar a f nos direitos humanos fundamentais, e para tal fim exercer tolerância e viver conjuntamente em paz, como bons vizinhos. O fim principal das Nações Unidas  formar um mundo sem guerra, mundo baseado na cooperação de nações e povos. Não é, apenas, um mundo no qual a guerra  refreada por um equilíbrio de fôrças armadas. É muito mais profundo ainda. É um mundo do qual se removeram as causas superiores da guerra, com estruturas sociais feitas para promoverem a cooperação pacífica em uma nação, tanto quanto entre diferentes nações. No preâmbulo da constituição da UNESCO afirma-se que a guerra começa no espírito dos homens. Isso é essencialmente verdade; e, finalmente,  necessário efetuarmos a mudança em nossas mentes e removermos

temores e apreensões, ódios e suspeitas. O desarmamento é uma parte dêste processo, pois criará uma atmosfera de cooperação. Mas é apenas um passo para nosso objetivo, uma parte dos esforços maiores para que se liberte o mundo da guerra e das causas da guerra. . . É, portanto, esta vitória real da paz, na qual todos são vencedores, que eu gostaria que esta grande Assembléia colocasse diante de seu espírito e tentasse lograr”.

Volto, finalmente, ao último dos tópicos que me propus discutir: o propósito de Justiça de Nehru para com todo o gênero humano. Entende-se por Justiça naturalmente, não os julgamentos de tribunais internos ou internacionais, mas o ideal de Justiça Social. Muito do que eu queria dizer sobre êste assunto já se deduz de alguns de seus discursos que citei. Por exemplo, chamei a atenção para o seu modo de falar sobre democracia como significando “não apenas a igualdade de voto, como também a igualdade econômica e social”; para a sua insistência, tanto nas esferas nacionais como nas internacionais, na remoção de barreiras, na eliminação de discriminações, no desenvolvimento da capacidade de trabalho em equipe e na execução de mudanças por métodos pacíficos e cooperativos; e ao salientar o emprêgo dos meios certos para a obtenção de fins certos, e não outros. Talvez, contudo, não possa eu de melhor forma, e certamente mais eloqüentemente, resumir a sua maneira de encarar os problemas com que se defronta tôda a humanidade, do que citando um seu artigo, publicado em 1958. Eis o que dizia: “A democracia e o socialismo são meios para um fim, não o fim em si mesmo. Falamos do bem da sociedade. É isto algo à parte e que transcende o bem dos indivíduos nela incluídos? Se o indivíduo fôr ignorado e sacrificado ao que se considera ser o bem da sociedade, é isso o objetivo certo? . . . O indivíduo não deveria ser tão sacrificado e realmente . . . os progressos sociais reais chegarão apenas quando se der oportunidade ao indivíduo para que a desenvolva, contanto que o indivíduo não seja um grupo selecionado, mas inclua tôda a comunidade. A pedra-de-toque, portanto, deveria ser até que ponto uma teoria política ou social qualquer torna possível ao indivíduo erguer-se acima do seu insignificante *ego* e pensar em termos do bem geral. A lei da vida não deveria ser a competição ou o poder de aquisição, e, sim, a cooperação, o bem de cada um contribuindo para o bem de todos. Em tal sociedade, salientar-se-ão os deveres. Devemos dar nova diretriz à educação e desenvolver um novo tipo de humanidade”.

Não posso terminar sem comentar o desgosto profundo que deve ter causado a Nehru a invasão da Índia pela China, em 1962. Não tinham os dois países compartilhado de 2000 milhas de fronteira comum e, mais ainda, gozado de 2000 anos de coexistência pacífica? Não havia Nehru mais de uma vez pleiteado o reconhecimento da China pelas Nações Unidas e sua admissão? Não tinha êle suportado a incompreensão, e até mesmo, ocasionalmente, a calúnia, recusando-se a afastar-se, por um momento sequer, da sua política de não-alinhamento? O ataque encontrou a Índia totalmente desprevenida, e Nehru tornou-se alvo de muitas crí-

ticas. Contudo, mesmo naquele tempo, continuou êle a insistir para que a China fôsse aceita pelas Nações Unidas. Foi tal o seu objetivismo que, apesar da agressão da Índia, êle pôde argumentar que não era “uma questão de querer ou não querer, mas uma questão do que tornará a má conduta impossível e possível o desarmamento”.

O mundo tem uma grande dívida para com Nehru. Êle reafirmou a crença que todos deveríamos ter na supremacia do espírito. Pôr em prática a fé que todos nós professamos na fraternidade humana. Ensinou, repetidas vêzes, a importância essencial de um esquema de valores e a manutenção dos padrões morais, tanto na vida pública como na vida privada. E se a guerra fria tem-se dissipado e as nações se aproximaram mais da meta da paz, é a êle, realmente, que se deve tal fato.

IDEALS OF NEHRU

Nehru's ideas, Ghandi's political heir, are analysed by the Writer in an attempt to offer a synthesis of the late Indian statesman's thought. It reminds, among other subjects, Nehru's statement on the eve of independence of his country: "A moment comes, which comes but rarely in history, when we step out from the old to the new, when an age ends and when the soul of a nation, long suppressed, finds utterance". About Democracy: "Democracy, as I understand it, means something more than a certain form of government and a body of egalitarian laws. It is essentially a scheme of values and moral standards in life".

As to the problem of peace, the Writer reminds that, for the Indian statesman "to prepare for war is but to prepare to war, so that it becomes simply a matter of time when the holocaust begins". The non-alignment politics far from being passive, was positive and aggressive as Nehru conceived and practised it. At the end of his study the Writer states that the world owes Nehru a great debt for his belief in the supremacy of the spirit, his practice of brotherhood and the importance he bestowed upon the values in Democracy. And if the cold war has thawed and the nations have got nearer to the goal of peace, it is to him that the real credit is due.

LES IDÉAUX DE NEHRU

Les idées de Nehru, l'héritier politique de Ghandi, sont analysées par l'Auteur d'une telle façon à offrir une synthèse de la pensée du feu Homme d'Etat Indien. Il rapelle, entre autres sujets, la déclaration de Nehru à la veille de l'indépendance de son pays: "Il-y-a un moment qui rarement arrive sur l'Histoire, où nous passons du vieux au nouveau, où une époque finit et l'âme d'une nation, opprimée depuis longtemps se fait sentir". Au sujet de la Démocracie: "Telle que je la comprends, elle signifie plus qu'une certaine manière de gouvernement et un ensemble

de lois égalitaires. C'est essentiellement un schème de valeurs et de patrons moraux de vie". Quant au problème de la paix, l'Auteur rappelle que, pour l'Homme d'Etat Indien, se préparer pour la guerre "n'est que se préparer pour la guerre, d'une telle façon que commencer l'holocauste devient simplement une question de temps". La politique du non-alignement loin d'être passive, a été positive et agressive, telle que Nehru l'a conçue et exercée. A la fin de son étude l'Auteur affirme que le monde a une grande dette envers Nehru par sa confiance en la suprémacie de l'esprit humain, sa pratique de fraternité et l'importance qu'il a attribuée aux valeurs de la Démocratie". Et si la guerre froide s'est évanouie et les nations se sont approchées du terme de la paix, c'est en effet à lui qu'on doit un tel fait.